

A viragem que se impõe

por Mário Soares

O fracasso da recente ronda de Doha, relativamente à liberalização do comércio internacional, no quadro de um acordo (que não se conseguiu) na Organização Mundial do Comércio (OMC) é significativo do estado de confusão em que se encontra o Mundo e das novas relações de força internacionais que se estão a desenhar. Numa fase de decadência – repare-se – do Ocidente...

Os países emergentes (Brasil, Rússia, Índia, China) não terão, por enquanto, estratégias concertadas – embora o fracasso da chamada ronda de Doha, reunida em Genebra, tenha evidenciado uma inesperada concertação entre a Índia e a China – mas têm políticas próprias e diferenciadas dos Estados Unidos e da União Europeia, os quais, no plano económico, muitas vezes, nos últimos anos, têm agido por forma contraditória.

Por outro lado, os países produtores de petróleo e de gás – num momento de crise energética como a que atravessamos – também obedecem a visões estratégias próprias e divergentes, entre si. No Próximo Oriente, a Arábia Saudita, o Iraque (ou o que dele resta) e o Irão, são disso os exemplos, como em África, a Argélia, a Líbia, a Nigéria e Angola, na América Latina, o México, a Venezuela e o Brasil, sem falar da Rússia, à qual Putin, graças ao petróleo e ao gás, tem dado uma nova pujança, económica e política, no concerto das nações.

Sucede que a maioria dos países citados, detentores de grandes reservas de petróleo e de gás, nem sempre são social e economicamente desenvolvidos, segundo os critérios de distribuição de rendimentos da ONU, nem democracias respeitadoras dos Direitos Humanos.

Acresce que os Estados Unidos e a União Europeia, em termos mundiais, estão a perder o prestígio e a força de que gozaram no passado. Os Estados Unidos, em virtude da deriva a que conduziram as políticas da Administração Bush, tanto no plano político e geo-estratégico (guerras no Afeganistão e no Iraque, luta contra o terrorismo, sem qualquer respeito pelos Direitos Humanos) como económico, dado o desastre a que conduziu o neo-liberalismo radical (crise financeira, inflação, desemprego, subprime, falência de grandes bancos e empresas, baixa acentuada do valor do dólar, etc.). Quanto à União Europeia, mais por omissão do que por acção, em virtude de alguma paralisia institucional, de omissões no plano externo e também – diga-se – da falta de visão, em relação ao futuro, de alguns dos principais líderes europeus, como Sarkozy, Berlusconi ou mesmo Brown.

Ora, para além da crise energética, têm surgido outras crises talvez ainda mais nefastas: a crise alimentar (com a subida em flecha dos géneros essenciais), económica (com o aumento do custo de vida, a recessão económica, o desemprego), a crise ambiental e a já referida crise bolsista e financeira. Tanto nos Estados Unidos como, agora, ainda que em menor escala, na União

Europeia. As perspectivas não são animadoras e a maioria dos governantes ocidentais estão à espera que o quadro melhore, por milagre, sem ousarem fazer-lhes face. Erro fatal, que todos vamos pagar caro.

Curiosamente, Bush, quase no final do seu mandato, renegou a sua doutrina de sempre – o neo-liberalismo – e, discretamente, interveio criando um grande fundo federal para salvar os bancos, as empresas e os proprietários endividados com a compra de habitação a crédito (subprime). Um fundo de 300 biliões de dólares que poderá beneficiar 400 mil proprietários... Sem querer, forçado pelas circunstâncias, veio dar razão ao velho Keynes e ao new deal de Roosevelt, tão odiado pelos republicanos.

Na União Europeia não se chegou ainda aí. Custa a reconhecer aos governantes que, depois de tantos anos de propaganda, o neo-liberalismo está esgotado. Que é preciso mudar de paradigma. A democracia liberal e a “teologização” do mercado, têm de ser substituídas pela democracia social e ambiental, com a regulação dos mercados pelos Estados nacionais, e a regulação da Globalização pela ONU. É a tarefa que cabe a Barak Obama impulsionar, uma vez ganhe as eleições de Novembro. E a que a União Europeia tem pouco tempo para se adaptar, reforçando a parceria estratégica euro-atlântica e o entendimento com os países ibero-americanos, no interesse do Ocidente. Será o único meio de evitar a decadência que se anuncia e de assegurar a viragem que se impõe.

Vau, 5 de Agosto de 2008